

# Ruínas de palavra: vida nua, estado de exceção e testemunho<sup>1</sup>

Agamben elabora da seguinte maneira o empreendimento do livro *Homo Sacer I: O Poder Soberano e a vida nua*: “À pergunta: De que modo o vivente possui a linguagem? Corresponde exatamente àquela outra: De que modo a vida nua habita a polis?” (2002, p. 15). Depreendemos daí uma terceira formulação correlativa e derivada: De que modo a vida nua possui a linguagem? É essa formulação que nos obrigará a investigar como e em que sentido a vida nua – extremo da degradação da linguagem – pode habitar a polis – extremo fundacional da linguagem. O exemplo que orienta e ao qual visa Agamben, sabemos, são os campos de concentração nazistas. Aquelas condições que os possibilitaram e aquelas que nos impediram de viver sem eles.

Nesse sentido, a questão colocada por Adorno seria ainda atual. Cito:

---

1 Este artigo representa o prosseguimento de uma pesquisa já publicada em sua primeira parte no livro *Entreato: entre o poético e o analítico* em 2011 e intitulado *A ressurgência da tirania como elemento originário da política*. Texto que compõe essa coletânea Trata-se aqui da segunda parte da pesquisa envolvendo, principalmente, o pensamento de Sigmund Freud e Giorgio Agamben e que foi apresentada oralmente em duas partes na oficina realizada no Encontro do grupo de pesquisa Outrarte, em 2010. O presente artigo é uma versão inspirada na exposição oral de 2010, porém bastante modificado e inteiramente inédito.

*Quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal será o seu intento de escapar por si mesmo da reificação. Mesmo a mais extremada consciência do perigo corre o risco de degenerar em conversa fiada. A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas (ADORNO, 1998, p. 26).*

Reconhecemos em Paul Celan, em oposição a Adorno, não só a possibilidade da poesia como ruína, resto e radicalidade da linguagem, mas sua urgência e necessidade, porém, não mais como oponente da literalidade ou instrumento de seu colapso. A poesia se torna urgente se puder refazer seu sentido diante da própria destruição a que se vê ameaçada. Doravante a função da metáfora não pode ser apenas o que põe em colapso a literalidade no campo da linguagem e, portanto, como instrumento privilegiado do fazer poético<sup>2</sup>. Celan torna claro que o testemunho – que é a restituição da linguagem lá onde ela foi interdita (vida nua) não só seria avesso às metáforas como mero exercício de linguagem, como seriam exigentes da literalidade que a metáfora viria zombar. A observação que Paul Celan faz a respeito de seu poema “Fuga da morte” (*todesfugue*) sobre os campos de concentração reflete de modo inequívoco esse impasse apresentado no poema, e só possível pelo poema. Lá onde se esperaria metáfora, encontramos a literalidade sem vestígio de figuras de linguagem.

Cito Celan a propósito do poema Fuga da morte:

*Leite negro da madrugada: não é nenhuma daquelas metáforas de genitivo, que nos é oferecida por nossos pretensos críticos, de forma a não irmos mais ao poema; isso não **mais** é figura de linguagem, oxímoro, é **realidade**.| Metáfora de genitivo = não,*

2 Ver Ricoeur, P. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992, p. 145-160.

*um nascer-umas-para-as-outras das **palavras** num momento de grande necessidade (Celan apud Oliveira, 2008, p. 2).*

Em Celan, a poesia não poderá revelar sua potência senão debruçando-se sobre a literalidade da experiência catastrófica, pois será nela, doravante, que serão encontrados os despojos da singularidade que anseia por se erguer. Carone (1979, p. 56), tradutor de Celan para o português e crítico literário brasileiro já falecido, nomeou com precisão esse processo como o medusamento desencadeado pelos poemas de Celan, nos quais as palavras minérios, cristais, rochedos assumem uma proporção assustadora como efeito da transformação da coisa viva em pedra, mineralizadas e, para sempre, sem vida e voz.

Nos estudos e nos relatos testemunhais, o que se pode reconhecer sobretudo é, precisamente, um esforço de literalização. Um esforço, ele mesmo imperfeito, de narrar as coisas como realmente aconteceram, a busca de uma objetividade enraizada de modo radical na experiência e na autoridade pessoal que afirma, de um lado, o desejo e a necessidade de dar a própria versão dos fatos e, de outro alguém que aguarda e escuta essa versão. Mas aqui, paradoxalmente, sacrifica-se toda objetividade em nome da exigência de propriedade, da singularização que jamais abandona o relato testemunhal. Enquanto a catástrofe e a atrocidade são descritas, compreendemos que já estamos mais além ou aquém de qualquer descrição possível, algo nos lança no limiar das coisas indizíveis que só perduram durante o tempo em que a palavra é proferida.

Vejam que o relato próprio aqui, não faz par com relato subjetivo, mas reivindica uma objetividade que nasce do sujeito, de uma fidelidade extrema à experiência no ponto de seu colapso, isto é no ponto em que ela se torna indizível ou intransmissível, e a afirmação de um tipo de 'objetividade' só encontrável a partir do momento em que uma frase singular pode ser emitida, como a autoridade de um único sujeito sobre o que foi vivido. Essa 'objetividade' pode ser compreendida como inscrição do sujeito lá onde ele supunha a derrota de toda e qualquer concepção de sujeito; tal objetividade, portanto pode perfeitamente ser substituída por autoridade, já que não se trata, de modo algum, da busca de fixidez, consenso e permanência do objeto descrito

e retido, mas da construção ou invenção de uma fala cujo ponto de partida é a tentativa de descrição do processo de ruína de uma experiência no limiar do desaparecimento do sujeito, do sobrevivente.

A tendência à literalização que se encontra nos testemunhos da catástrofe, não apela, portanto, nem à objetividade, nem à subjetividade, mas à autoridade que parte do esforço de singularização no que se diz. Explícita-se a reivindicação de inscrever na história dos acontecimentos a própria versão dos fatos.

Pretendo indagar se a aproximação do termo *sacer* ao termo tabu, tal como sugerido por Freud<sup>3</sup> no texto *Totem e Tabu*, não revelaria a impossibilidade radical de linguagem ao *homo sacer* e à vida nua e, nesse caso, se a resposta à pergunta inicial sobre o modo em que a vida nua possui linguagem não poderia ser respondida, de modo precipitado, da seguinte maneira: a palavra que resta ao *homo sacer*, não é palavra, mas reação a um comando, é um corpo, como reação ao discurso sem fendas, replicante e imperativo.

Nesse sentido, o corpo *sacer* seria um corpo obediente, efeito de um discurso alheio e agido, não mais do que uma continuidade de um discurso autoritário que não lhe pertence, que age sobre ele; uma repetição ad infinitum de duas impossibilidades que se superpõem: a impossibilidade de habitar a polis e a impossibilidade de habitar a linguagem no seio de um discurso próprio. Essa aspiração pode ser flagrada nas situações de tortura.

Trata-se de dois fenômenos politicamente coetâneos: o desenraizamento físico do sujeito de um lugar na cidade (prisões, manicômios, campos de concentração, êxodos campos de refugiados, etc.) e o desconhecimento da fala daqueles que não têm lugar (espaço, mobilidade, cidadania) e cuja possibilidade de escutá-los está completamente obturada.

Em Freud (1913) o tabu é um instrumento que cala e transmite. É o efeito de uma transmissão regida por um modo de organização eficiente e correlativo da, supostamente, necessária ordenação dos clãs, das primeiras comunidades na história do homem. Os clãs estão acima das pulsões e cabe a eles regulá-las.

3 Observa Freud: “Tabu é uma palavra polinésia, cuja tradução se nos faz difícil porque não possuímos agora a noção correspondente. Essa noção foi ainda familiar aos romanos, cuja palavra *sacer* correspondia ao tabu dos polinésios” (1913[1981]), p. 1758.

O que o clã ordena é, portanto, a economia pulsional e seu fluxo; e a dinamização entre esferas sociais que guardam entre si parentesco e compromisso implícito de manutenção de uma determinada ordem.

Lançadas as bases dessa reflexão e dessa impossibilidade em *Totem e Tabu* (1913), Freud avançou, em 1921, para um exemplo hipotético e socialmente em curso a partir da Primeira Guerra Mundial, cujos efeitos se dilatavam em direção a uma segunda grande guerra. No texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* a massa é exemplificada como formação a posteriori da horda, que se revela como re-formação da deformação sofrida no estado de horda. Restauração com a figura do líder tirano<sup>4</sup>, porém, agora a partir de superinvestimentos erótico-amorosos que produzem e provocam uma adesão incondicional cujo principal efeito seria a reconstituição do corpo do tirano que, por sua vez, se recompõe pela reunião simbiótica dos filhos numa massa que o apoia, como partes do corpo do tirano e por eles devorado, se aglomeram em torno da restauração desse corpo dilacerado no banquete totêmico.

O mecanismo que refaz essa ordem tirânica perdida, reintroduzida através do amor (laços eróticos) foi enunciada clinicamente por Freud no artigo *Bate-se numa criança*, dois anos antes da publicação de *Psicologia das Massas*, em 1919.

A cena fantasiada de uma criança que é castigada pelo pai é observada pela menina que, numa espécie de automatismo e disposição no Complexo de Édipo, reconhece a fantasia consciente: um adulto (pai) bate numa criança. O desdobramento fantasmático decorrente é o adulto bate na criança que eu odeio (o irmão). O ódio ao irmão é decorrência do amor pelo pai. A culpa edipiana então saca sua terceira formulação inconsciente: meu pai me bate. Fantasia masoquista que foi infletida pela culpa incestuosa em desejar o pai e o concomitante ódio pelo irmão.

De forma notável Freud descreve e adiciona em 1919, dois anos antes da publicação de *Psicologia das Massas* e seis anos após a publicação de *Totem e Tabu*, os pressupostos metapsicológicos que sustentam suas teses sobre as

4 Ver Endo, P. A ressurgência da tirania como elemento originário da política. In: Leite, N. V. A.; Milán-Ramos, J. G. *Entreato: o poético e o analítico*. Campinas: Mercado de letras/FAPESP, 2011, p. 491-501.

massas. A adesão do sujeito à massa é de caráter sadomasoquista. Tornar-se massa é uma expressão de amor radicalmente passivo e masoquista que impõe submissão, dor e prazer, mas também refaz o itinerário da fantasia regressiva: bate naqueles que odeio, portanto gosta de mim; elimina meus adversários porque me ama.

A aproximação surpreendente entre a impossibilidade de matar o tirano e assumir a autoria por isso e, conseqüentemente, a dificuldade de constituição de uma frátria fundada sobre a autoria e a responsabilidade e os correlativos fenômenos de assimilação pautados pela adesão, agenciamento e impropriedade impostos pela massa são argumentos favoráveis aos perigos da norma e do ordenamento como reguladores das democracias, como alertou Agamben (2002, 2004).

O vínculo erótico se evidencia então como ponto nodal entre a fantasia do amor e a violência estimulada e permitida, cujo exemplo *princeps* é o corpo do masoquista, previamente cedido ao poder tirânico sob a forma da servilidade e da indiferenciação hipnótica. Corpo sob o qual um discurso (jurídico-biopolítico) se ordena e age.

Tanto para a horda, se quisermos, quanto para a massa os efeitos para a organização dos clãs e para a polis são os mesmos: a impossibilidade do convívio heterogêneo, a intolerância a todo aquele que não faz corpo com o corpo do tirano e a domesticação de toda aspiração à singularidade. Em todas as áreas reguladas pelo tabu é disso que se trata. Não há como revelar o conflito que o tabu esconde, nem expor o que ele protege, senão sob o risco de que uma catástrofe advenha. A obediência é um efeito da manutenção dos tabus. ‘Estava apenas cumprindo ordens’ dirão em sua defesa uma miríade de assassinos.

Por vezes, Freud (1913) exemplificou: a catástrofe é apenas a suspensão de privilégios, posses e propriedades numa sociedade que se organiza em função deles.<sup>5</sup>

---

5 Assim Freud elenca a primeira das funções do tabu: “As finalidades do tabu são muito diversas. Assim os tabus cumprem as seguintes funções: 1º. Proteger certos personagens importantes-chefes, sacerdotes, etc-e preservar os objetos valiosos de todo dano possível (BN, T. II, p. 1759).

O poeta épico, figura extraída do livro do psicanalista contemporâneo de Freud, Otto Rank intitulado *O nascimento do mito do herói* e publicado em 1914, seria aquele que, descontente com as privações impostas pelo estado de horda (e massa) “pode decidir [...] a separar-se da massa e assumir (ele mesmo) o papel de pai” (Freud, 1921[1981], p. 2604). O mito do herói seria a recomposição do ideal do eu a partir da morte do tirano, realizada por esse mesmo herói a partir de sua emancipação autoral da massa.

É o herói de sua própria singularização, levada adiante a partir da instauração de ideais próprios que, retroativamente, farão parte dos ideais da massa.<sup>6</sup> Quando então próprio herói corre o risco de ser transmutado novamente em deus-pai, a suprema singularidade, a suprema paternidade e o representante da ‘libertação’ do estado de horda, e os próprios heróis podem ser reconduzidos ao lugar de tiranos.

Para Freud (1921), a igreja e o exército são instrumentos sociais e políticos coibidores da insurgência dessa autoridade singular, avessa e crítica do discurso do soberano e, portanto, aos produtores institucionais e artificiais de massa.

---

6 Nesse ponto vale a lembrança de um trecho de *Odisséia*: “Odisseu no caminho de volta a Ítaca é aprisionado, junto com sua tripulação, na caverna de Polifemo, ciclope, filho de Poseidon. Seus tripulantes são um a um devorados enquanto aprisionados. Temendo por sua morte iminente e de toda a sua tripulação Odisseu passa a contar histórias a Polifemo que se encanta com elas. Em contrapartida Polifemo promete a Ulisses que ele será o último a ser devorado e lhe pergunta seu nome. –Meu nome é ninguém. Responde Odisseu. Numa noite, enquanto Polifemo dormia, Odisseu, de posse de uma lança a aquece na fogueira acesa e, em brasa a desfere contra o único olho do monstro bestial que urra de dor. Ouvindo os gritos de desespero de Polifemo, os demais ciclopes que se encontravam fora da caverna se aproximam em auxílio ao ciclope ferido e espreitam a caverna fechada com uma imensa rocha em sua entrada. De fora perguntam a Polifemo o que havia acontecido. Polifemo, urrando de dor e desespero, lhes diz que estavam tentando matá-lo. Os ciclopes perguntam quem estaria atentando contra a vida de Polifemo. Ao que ele responde: Ninguém. Pensando tratar-se de uma brincadeira os demais ciclopes se afastam. Após a fuga da caverna, juntamente com os poucos tripulantes ainda vivos, Odisseu ganha o mar. Já distante e sem risco de ser capturado ele grita orgulhoso: Não se esqueça de quem fez isso a você foi Odisseu. Ao proferir seu nome, ao ser identificada a autoria do ataque ao ciclope têm início a *Odisséia*. A partir daí, Poseidon fará da jornada de retorno de Odisseu, agora identificado, uma desventura de vida e morte lançando-o repetidamente a novos infortúnios. Porém sem que Odisseu tivesse proferido seu nome não existiria *Odisséia*, nem o herói que leva o seu nome e nem história digna de ser contada. A autoria do assassinato do tirano instaura, por si só, uma história digna de ser vivida, transmitida e contada. Aventura do herói que ousou proferir seu próprio nome”. Ver Homero, *Odisséia II*, canto 9, p.115-145)

As instituições (igreja e exército) paradigmáticas e, como tais, zeladoras incontestes das estruturas de poder nas sociedades ocidentais, são reativas e oponentes aos processos de singularização instauradores da proliferação de discursos ante os quais cada um seria responsável pelo que diz.

E são exemplares, a igreja e o exército, como oponentes ativos de tudo o que se opõe à massificação, limitando drasticamente as possibilidades instauradas por aquele – o herói épico – que ousou emancipar-se da massa divergindo, diferindo ou criticando; aquele que ousou pronunciar o próprio nome sem renúncia à sua própria odisséia.

O neurótico em análise seria, portanto, uma das versões do herói épico, na medida em que revela, em atenção a seu sofrimento, os conflitos que deveriam e poderiam ser aplacados nos mecanismos de indiferenciação entre o eu e os ideais nos fenômenos hipnóticos de horda e massa (Freud, 1921[1981], p. 2609-2610). É nele que se inspira o desejo de não ser agido pelo discurso, para apropriar-se de um dizer próprio e, nesse sentido, a prática analítica seria política, mas não seria coletiva.

Também é na mesma direção que Shoshana Felman (2000) reconhece no par analítico o estatuto do testemunho como um dizer sobre si endereçado à uma escuta alheia que confere singularidade ao ato do dizer, por sua vez, endereçado ao estrangeiro. Não há testemunho se não houver alguém que o escute. Cito:

*[...] Freud cria a dimensão revolucionária do diálogo psicanalítico, um tipo inédito de diálogo no qual o testemunho do médico não substitui ele mesmo o testemunho do paciente, mas ressoa com ele, pois, como Freud descobre, são necessários dois para testemunhar o inconsciente (2000, p. 27).<sup>7</sup>*

Mas é possível que Blanchot tenha levado ao mais extremo o alcance político desse lugarejo denominado de analítico. Cito:

---

<sup>7</sup> No mesmo sentido em que Didier Anzieu (1989, p. 418) observou: “Não há auto-análise séria se ela não for falada a alguém”.



*A originalidade do “diálogo” psicanalítico, seus problemas, seus riscos, e talvez, por fim, sua impossibilidade, só fazem aparecer melhor. Essa libertação da fala por si própria representa uma comovente aposta da razão entendida como linguagem e da linguagem entendida como um poder de recolhimento e de reunião no seio da dispersão. Aquele que fala e que aceita falar junto a um outro encontra pouco a pouco as vias que farão de sua fala uma resposta à sua fala. Essa resposta não lhe vem de fora, fala de oráculo ou fala de Deus, resposta do pai ao filho, daquele que sabe àquele que não quer saber mas obedecer, fala petrificada e petrificante que as pessoas gostam de levar em lugar de si como uma pedra. É preciso que a resposta, mesmo vindo de fora, venha de dentro, retorne àquele que a ouve como o movimento de sua própria descoberta, permitindo-lhe reconhecer-se e saber-se reconhecido por esse outrem estranho vago e profundo que é o psicanalista e no qual se particularizam todos os interlocutores de sua vida passada que não o ouviram.(...) relação em que o interlocutor- o outro- não pesa mais sobre a palavra que disse o sujeito (afastado então de si como do centro), mas a ouve e ao ouvi-la responde-lhe, e por meio dessa resposta torna-o responsável por ela, torna-o efetivamente falante, faz com que tenha falado verdadeiramente e em verdade (2007, p. 232).*

Esse projeto radical, sustentado pela mera presença mútua donde provém uma fala que se nutre de ser ouvida, é infensa à fala desferida pelo comando hipnótico sob um corpo apto para reagir à ordem. Corpo que se supõe massa agida pelas palavras que não suporta ouvir, mas tão somente obedecer, reagindo imediatamente a elas na mesma medida em que é dispensado de escutá-las, apesar do barulho ensurdecido dos alto-falantes.<sup>8</sup>

---

8 Observa Blanchot (2001, p. 131): “Alguém, que fala sem parar acaba preso. (Lembremos os terríveis monólogos de Hitler e de qualquer chefe de Estado, se ele goza do fato de ser o único a falar e, gozando de sua elevada palavra solitária, a impõe sobre os outros, sem vergonha, como uma palavra superior e suprema, participa da mesma violência do dictare, a repetição do monólogo imperioso).

Portanto, para enfrentarmos a pergunta inicial sobre como a vida nua possui linguagem uma vez vigente o estado de exceção, será preciso admitir que a vida nua se manifesta e se exhibe no estado de horda em que Freud observa, por parte dos filhos em relação ao pai “...uma atitude passiva, masoquista, renunciando à toda vontade própria e considerando como arriscada audácia o fato de arrostar sua presença” (1921(1981), p. 2599). Expressão de amor incondicional onde o corpo sadomasoquista se prontifica ao sacrifício no seio da economia do gozo que se esmera em produzir o mais de gozar de outrem, que só pode ser obtido por subjugo e dominação de si e do diferente.<sup>9</sup> Para Freud, existe um gozo na obediência. Sem esse gozo, capturado e agenciado por pessoas, instituições e grupos não seria possível manter nem ditaduras, nem fascismos durante períodos prolongados.

A vida pré-jurídica, anterior a todo ordenamento em que “cessa o domínio do direito sobre o vivente” (p. 16), conforme observou Walter Benjamin, é revelada literalmente no mito da pai da horda, e reencontrá-la nas massas ou no estado de exceção seriam restaurações de estados de indiferenciação e aglomeração psíquicos (hipnóticos). Trata-se de apoio maciço e adesão absoluta ao corpo do tirano e ao seu comando.

Agamben (2002, 2004) demonstra, entretanto, que esse apoio não seria possível sem que uma estrutura jurídico-política se mantivesse viva e silente, prestes a desencadear suas formas paroxísticas (o estado de exceção); com Freud (1921), contudo, podemos dizer que essa prontidão só pode ser colocada em prática por via da adesão erótica sadomasoquista de um conjunto (horda, massa, sociedade, grupos) que cria o campo passional onde o poder soberano se exerce.

Difícil, após o texto *Psicologia das Massas de Freud* (1921), imaginar um fenômeno de massa não instruído e alimentado pela paixão, porém trata-se de um efeito da paixão infame, aquela que permitiu o assassinato do pai e depois o indiferenciou, sem autoria e sem destaque, para ser revivido sempre num novo assassinato, extermínio e matança. E como sabemos, desde

---

9 Consideramos que Marcel Mauss (1899[2005]) esclarece esse ponto com precisão quando define o lugar e a função do sacrificante nos rituais de sacrifício. Diferentemente do sacrificado “Chamamos de ‘sacrificante’ o sujeito que recolhe os benefícios do sacrifício ou se submete a seus efeitos” (p. 16).

21/09/1897, numa das cartas da correspondência de Freud a Fliess, a paixão deveria evocar a interpretação e não a passagem ao ato. Sem autoria, relegada ao inconfessável da histórica, só nos resta procurar a culpa no pai perverso e, novamente, assassiná-lo, ou atribuir a ele toda e qualquer responsabilidade pelo gozo interdito ou realizado como ato. Ao seguir assim, a psicanálise jamais teria vindo à luz, não teria nome e nem seria obra de um novo pai (Sigmund Freud). Restaria o legado da obscura dinâmica persistente que induz à dicotomia entre vítimas e agressores: o pai perverso contra a frágil histórica.

Portanto, para continuar discutindo qual o estatuto da palavra daquele que é vida nua, não há outro caminho senão examinar o paradoxo que se revela na produção testemunhal daqueles que sobreviveram às atrocidades, presente na persistência em produzir “a própria versão dos fatos”. A singular e autoral versão dos fatos, versão de onde deve ser extraída toda a autoridade do relato.

Todavia, ao que parece, é a discussão sobre tal propriedade que deve ser levada adiante, uma vez que não se pode dizer que tal experiência possa ser vivida como própria. Tratar-se-ia de uma injunção que nasce da experiência imprópria e que deveria ser capaz de dizer até que ponto se pode alcançar a singularidade, a partir da experiência extrema e compulsória da impropriedade (vida nua), no extremo de uma vida prestes a ser perdida.

Primo Levi (2004) evidenciou um impasse inultrapassável: Não somos nós as verdadeiras testemunhas! Como se dissesse: o que quer que falemos, nosso dizer não poderá ser mais do que impróprio, um sucedâneo fracassado daqueles que ousaram uma fala, um gesto, uma reação próprias e morreram em nome disso. Como se a palavra que não foi enunciada, no momento em que foi ameaçada de desaparecimento, não pode reivindicar sua propriedade a posteriori.

A morte figura então como consequência da exigência radical de propriedade; o maior e mais convincente ato de testemunho se daria em face da morte e verdade que ela expõe. Aqueles que foram assassinados, exterminados seriam, desse modo, os únicos a poderem afirmar uma única e definitiva vez a verdade radical, essa sob a qual todos aqueles que vierem a falar depois, os sobreviventes, podem guardar segredo (ou silêncio) enquanto falam.

Flávio Tavares (2005), preso político brasileiro no período da ditadura civil-militar, relata um episódio vivido no cárcere, em que a sujeira do corpo tornou-se um emblema de resistência e singularidade nos porões da ditadura brasileira, já que a palavra fora submetida ao calabouço e o corpo torturado e torturável do preso político reduziu-se a prova material do poder soberano sobre a vida nua. Corpo limpo era então sinônimo de corpo impróprio, obediente e comandado; pronto para novas sessões de tortura. Corpo limpo, de banho tomado é o corpo instruído pelos torturadores, após ser submetido às atrocidades à sujeira, ao sangue e as lágrimas da tortura. Corpo sujo: corpo insubmisso.

Otoni Fernandes (2004), também ex-preso político no Brasil confessa o tempo largo de quase trinta anos para testemunhar o que se passou nas prisões da ditadura. Como se na demora do testemunho estivesse resguardada a possibilidade de jamais testemunhar. A possibilidade do silêncio perpétuo e de um dizer que não pode advir.

O que seria então o testemunho que aparece como a voz do poeta épico (Freud, 1921) que acabara de sair do jugo da tirania e da iminência da calamidade e da morte psíquica, dando voz e palavra à experiência de ter testemunhado a transformação do vivente em vida nua e a impossibilidade de deixar de sê-lo? O herói que rompe com o estado de massa e horda, o estado de corpo comandado e funda, pela linguagem, seu direito e dever de fala, ao mesmo tempo, um caminho a ser seguido, pelo próprio eu, mas também pelos que vierem após a fundação da palavra singular que é alçada para fora da massa, em direção aos próprios ideais e utopias.

A constatação difícil é talvez a do reconhecimento de que a atrocidade foi gerada no seio de pactos amorosos, eróticos e libidinais que constituíram o estado de exceção e a vida nua e os preservaram como corolário do pacto amoroso sadomasoquista. Os que torturam e matam, e os que os apoiam, estão unidos pela fantasia do amor mútuo sempre confirmado pela imposição de dor e morte àqueles que não pertencem a essa promessa de união eterna. O amor entre iguais exigiu o ódio entre diferentes, como condição para sua permanente ratificação. A tortura funda e alimenta a imaginação e o gozo sadomasoquista se delicia imaginando um sofrimento que não viveu.

Aquele que testemunha, como o poeta épico, que assume para si o risco psíquico, social e político por sua palavra, não raro, é aquele que, tendo sido subjugado pelo tirano, pelo ditador ou pelo caudilho, não é mais do que aquele que, despojado de seus próprios ideais, reivindica uma nova origem, um novo começo.<sup>10</sup>

A coincidência entre o ideal do tirano (eu ideal) e o ideal da massa (ideal do eu), que é bipartido pelos inumeráveis ideais do eu, funda a posteridade que se apóia ao mesmo tempo na transmissão e na inauguração e invenção do novo. Mas é importante sempre lembrar que a diferenciação supõe riscos de aniquilação e morte – o testemunho impossível. Falar, diferir no seio do pacto, é ariscar-se à aniquilação.

Para quê e para quem então dizer? O tempo aparece como lapso a partir do qual se pode constituir alguma escuta e um lugar onde o poeta épico pode vir a existir e sua palavra a vigorar como palavra significativa. Momento em que ele evidencia sua urgência: o enunciado da palavra do *homo sacer* e a escuta do inconsciente como condição de aspiração ao sentido de propriedade, não pode ser restaurado tão somente como relato literal, elemento historiográfico ou comprovação jurídica de um fato ocorrido, tal como dele se esperam as aspirações por consenso.

---

10 Essa posição é inteiramente compatível e, de certo modo, se ampara na posição arendtiana sobre a política como possibilidade da instauração do novo-cujo paradigma é o nascimento contínuo de seres humanos e a contínua possibilidade da renovação que o novo, como potência, instaura. Mais ainda, reconhecemos a tomada da palavra no seio do discurso e da ação políticos como modo de o sujeito se politizar enquanto se inscreve no tempo comum dos homens e a emancipação do tempo biológico e sempiterno dos primeiros objetos é também nessa passagem, e nessa insistência, que reconhecemos a política, a um só tempo, como possibilidade de fundação, inauguração e estreia e como inflexão no curso dos acontecimentos, a partir do momento em que alguém toma a palavra e é ouvido por outros, fundando as bases para diálogos vindouros. Cito Hannah Arendt (1954[1997]): “Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio no ponto onde ‘ele’ está; e a posição dele não é o presente, na sua aceção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças ‘a sua’ luta constante, à ‘sua’ tomada de posição contra o passado e o futuro. Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se entre passado, presente e futuro [...]” (p. 37).

A palavra ainda a ser escrita pede o reconhecimento público e a inscrição do sujeito nesse ato de publicização, ponto a partir do qual se pretende retornar à vida na pólis, como parte de sua própria vida, porém apenas se a polis engendrar as condições necessárias da escuta pública, problema que incide diretamente no papel dos memoriais.

Resulta então que esse pacto inconsciente entre o tirano e a massa pretende destruir, a priori, a experiência política, fundada pelo dissenso (Rancière, 2007), ou seja, pelo confronto e conflito na esfera pública de inumeráveis ideais, inumeráveis desejos singulares regulados pela persuasão (Arendt, 1859[1981]); para a compactação e identificação dos ideais do eu, com o ideal da massa, na busca e imposição do consenso permanente. Nesse sentido, toda tirania é um atentado à memória.

Claro está, a partir de Freud, que tal pacto só pode ser devidamente compreendido quando consideramos o caráter latente dos vínculos eróticos, regressivos e identitários capazes de gerar efeitos de massa.

A massa é, ela mesma, uma formação complexa que reduz a palavra ao discurso, a ação em reprodução e o sujeito ao idêntico. Freud (1913[1981]) sugeriu que a presença de determinados mecanismos de reprodução sintomática inconscientes são imantados pela potência violenta, cujo paradigma é o tirano, que insiste em retornar como forma de reconhecimento amoroso e inconsciente, como o pai morto (remorso) e, ao mesmo tempo, como suspeita do convívio (in)desejado entre diferentes (exogamia), a fim de reconstituir e cobrar o fantasma da unidade ainda vigente, evocando, concretamente, o único capaz de atentar contra cultura, sua fundação e transmissão: o tirano assassinado.

Trata-se de evocar onipotentemente os mortos, a fim de que agora eles retornem, com poder e força de perdão, para reordenar os irmãos traidores e assassinos não confessos, que falharam na construção de sua frágil democracia. Só uma força superior, vigorosa e inigualável é que poderá fazer jus ao pai morto em torno da qual os filhos, servilmente, sadomasoquicamente, se submetem e, com isso, recompõem o estado de horda e plantam as bases do servilismo totalitário.

Podemos considerar que esse processo que Freud descreve refere-se, mais claramente, aos processos de idealização e esvaziamento da política na cena pública por apoio, adesão e enamoramento (hipnose). De certo modo, ficam sugeridos a igreja e o exército como duas massas artificiais que, nesse sentido, combatem a política e se consideram intocáveis por ela. São geradoras de formações discursivas de massa que coagem a emergência das falas singulares e inéditas, opondo-se a elas. São representantes institucionais do eterno retorno e focos de resistência a serviço da servilidade e da tirania. É exatamente nesse sentido que Walter Benjamin (1921) afirma, no artigo “Crítica da violência”, a impossibilidade do convívio entre as polícias e os regimes democráticos.

O poeta épico, portador da palavra inédita, revela-se portador do imperativo de reconhecer a morte do pai e sobreviver a ela. Abdicar do pai, vivo ou morto, ressuscitado e literal para só assim construir a cidade, a civilização e retornar à Ítaca – prestes a se despedaçar nas mãos do oportunista Antínoo e seus asseclas e se tornar terra de ninguém –, para voltar a ser a terra do homem de palavra: Odisseu.

Giorgio Agamben (2005, p. 22) destaca ao reproduzir as palavras de Eichmann quando ele diz que sentir-se culpável diante de Deus e não diante da lei, que é o mesmo que dizer: não obedeço as leis, só as de Deus (ou as do FUHRER). Isto é, seu elo é com o pai literal tirano, o onipotente e soberano, aquele capaz de fazer e desfazer as leis, e não com o sistema criado pelos irmãos, e por eles mantido, que afirma e ratifica a morte do pai e o imperativo dos acordos mútuos e da política.

Nesse sentido perdura a necessária persistência no e do testemunho. Essa ambição por significação a partir da terra devastada da insignificância, do não sentido, do vazio e da literalização.

O índice de certeza na fala testemunhal: a de que as palavras são calços e anteparos para outra coisa que prepara e engendra a possibilidade do indizível no testemunho, da não palavra, daquilo que jamais poderá ser dito e, ao mesmo tempo, no rastro dessa certeza, se impõe a necessidade de palavra e a desejável reinvenção e nascimento da linguagem.

Cito Agamben (2005):

*“... o testemunho é o encontro entre duas impossibilidades de testemunhar; que a língua, se é que pretende testemunhar, deve ceder lugar a uma não língua, mostrar a impossibilidade de testemunhar. A língua do testemunho é o encontro que já não significa, porém que nesse não significar, se adentra nesse língua até recolher outra insignificância, a do testemunho integral, a do que não pode prestar testemunho” (p. 39),*

é isso que faz do testemunho um gesto radical, dedo apontado para o silêncio radical onde a linguagem fracassa.

Trata-se de um ato de linguagem que atesta o radicalismo e o abismo da linguagem lá onde ela soçobrou e que precisa renunciar, previamente, a qualquer triunfo. Ele se abre não sobre a experiência de não ter o que dizer – o mutismo –, mas sobre a experiência de ter de dizer o que não poderá jamais ser dito.<sup>11</sup> Isso é, talvez, aquilo que faz do testemunho a revelação de uma palavra sempre em ruína, atormentada por uma urgência em existir e a tentação em desistir, sob o fundo de uma escuta que reconhece no silêncio formas extraordinárias de revelação e onde pressentimos o próprio estatuto da escuta analítica como escuta de um testemunho de si; para sempre, urgente e necessário.

Felizmente, em minha opinião, multiplicam-se os acervos testemunhais em muitos lugares do mundo e, ao se multiplicarem, eles lentamente quebram tabus, convocando novos escutantes para os novos falantes. A coragem de dizer convoca a coragem de escutar.

---

11 No seminário 17, Lacan (1969-1970[1992]) joga com o impronunciável do nome do pai: “Digo-lhes de passagem-é por exemplo, o que me justifica dizer que já que certa vez calaram o meu bico no momento em que eu ia falar dos nomes do pai, nunca mais falarei sobre isso. Parece implicante, grosseiro. E depois - quem sabe? – existe até essa gente, os fanáticos da ciência, para me dizer – Continua a saber, como é que é, você tem de dizer o que sabe sobre os nomes do pai. Não não direi o que é o nome do pai justamente porque não participo do discurso universitário.” E um parágrafo abaixo: “Enfim, deixemos de brincadeira. Simplesmente não vejo porque eu falaria do nome do pai [...]” (p.102). Qual segredo Jacques Lacan portaria por saber algo não sabido, ou dizer algo que não deveria ser dito? Dizer o nome do pai é ferir o pacto no qual nomes não podem ser pronunciados. Nem o dos assassinados e nem o dos assassinos. “[...] calaram o meu bico no momento em que eu ia falar nos nomes do pai [...]” (p. 102). Bico calado, não se fala mais nisso.



## Referências

- Agamben, G. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- Agamben, G. *Estado de exceção*. Trad. IraciPoleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- Agamben, G. *Lo que queda de Auschwitz: el archivo y el testigo*. Valencia: Pré-Textos, 2005.
- Anzieu, D. *A auto-análise de Freud e a descoberta do inconsciente*. São Paulo: Artes Médicas, 1989.
- Arendt, H. (1954) *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- Arendt, H. (1958) *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- Benjamin, W. (1921) *Por una critica de la violencia*. Disponível em: [http://www.ddooss.org/articulos/textos/walter\\_benjamin.pdf](http://www.ddooss.org/articulos/textos/walter_benjamin.pdf) Data de acesso: 20/11/2011.
- Blanchot, M. *L'Écriture du Désastre*. Paris: Galimard, 1980.
- Blanchot, M. *A Conversa Infinita I: a palavra plural*. São Paulo: Escuta, 2001.
- Blanchot, M. *A Conversa Infinita II: A Experiência Limite*. São Paulo: Escuta, 2007.
- Carone, M. *A poética do silêncio: João Cabral de Melo Neto e Paul Celan*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- Endo, P. C. A ressurgência da tirania como elemento originário da política. In: Leite, N. V. A.; Milán-Ramos, J. G. (org.) *Entreato: o poético e o analítico*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2011, p. 491-501.
- Felman, S. Educação e crise ou as vicissitudes do ensino. In: Nastrovski, A.; Seligmann-Silva, M. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 13-71.
- Freud, S. (1913) Totem y Tabu: algunos aspectos comunes entre la vida mental del hombre primitivo y los neuróticos. In: *Obras Completas de Sigmund*

- Freud*. T. II. Trad. Luiz-Lopes Balesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 1745-1849.
- Freud, S. (1919). Pegan a um niño: aportacion al conocimiento de La Genesis de lãs perversiones sexuales. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. T. III. Trad. Luiz-Lopes Balesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2465-2480.
- Freud, S. (1921) Psicologia de las masas y analisis del yo. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. T. III. Trad. Luiz-Lopes Balesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 2564-2610.
- Homero. Trad. Donald Schuler. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- Junior, O. F. *O baú do guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Lacan, J. *O Seminário*, livro 17: O Averso da Psicanálise. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- Levi, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- Mauss, M.; Hubert, H. (1899) *Sobre o sacrificio*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- Oliveira, M. C. *Diálogo inconcluso entre Paul Celan e Theodor W. Adorno*. Disponível em: [www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simp-sios/pdf/018/MARIANA\\_OLIVEIRA.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simp-sios/pdf/018/MARIANA_OLIVEIRA.pdf). Data de acesso: 18/11/2011.
- Rancière, J. *El desacuerdo: política y filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.
- Rank, O. (1914) *El mito del nacimiento del heroe*. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- Ricoeur, P. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: Sacks, S. Trad. Leila Cristina Darin. *Da metáfora*. São Paulo: Educ/ Pontes, 1992, p. 145-162.
- Sousa, E.; Endo, P. *Freud: ciência, arte e política*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- Tavares, F. *Memórias do esquecimento*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

# Walter Benjamin, Sigmund Freud e o trauma das máquinas<sup>1</sup>

Examinando a obra de Freud cronologicamente, de trás para frente, causa estranhamento o fato de que o problema e a teoria do trauma em Psicanálise sofressem a ação de forças recalcentes no interior do próprio movimento psicanalítico. Diferentemente da neurose histérica, da neurose obsessiva e da neurose de angústia, a neurose traumática não foi matéria do pensamento de Freud até 1920.<sup>2</sup> As consequências visíveis e inegáveis dos acidentes imprevistos e das catástrofes estavam, até então, fora do alcance da metapsicologia, embora seus efeitos psíquicos fossem flagrantes e inegáveis.

---

1 Essa é uma versão ligeiramente modificada do artigo de minha autoria intitulado “Sigmund Freud, Walter Benjamin e o trauma das máquinas” publicado em 2012 como capítulo do livro intitulado *Walter Benjamin: rastro, aura e história* em Belo Horizonte, pela Editora da UFMG.

2 Nas primeiras elaborações freudianas, a partir de 1895, o trauma revelava-se no excesso de sexualidade vivido pelo sujeito e impossível de ser reconhecido enquanto tal. O mecanismo de defesa psíquico que se punha em ação era o recalque. A retomada da teoria do trauma em 1920 opera essa virada na qual Freud admite o traumatismo não sexual, mais além do princípio do prazer. Uma análise pormenorizada do recalque do trauma na Psicanálise bem como uma discussão da apresentação da neurose traumática ao longo da obra freudiana foi feita em Endo, P. C. *A Violência no Pensamento de Freud*. In: Endo, P. C. *A Violência no Coração da Cidade: Um Estudo Psicanalítico*, São Paulo: Fapesp/ Escuta, p. 121-146, 2005.

Na hesitação de Freud e de seus discípulos em reconhecer o trauma como eixo importante da clínica e da teoria psicanalítica, percebemos aquele dilema e aquelas perguntas que o fizeram hesitar e insistir diante do impensável. A violência seria matéria para o pensamento e a clínica psicanalíticas? Quais as consequências de incluí-la como objeto da prática clínica e da metapsicologia? Seria um equívoco supor que a Psicanálise, já consolidada do ponto de vista da clínica, pudesse ousar mais além de suas especulações mais ou menos seguras, apoiadas por seus conceitos já bem apresentados e esclarecidos até 1920, ano da publicação do texto *Mais além do princípio do prazer*?

A miríade de impasses que atravessavam esse momento, imediatamente posterior ao fim da primeira guerra mundial, também se impuseram a Freud, e não teremos documento mais impressionante dessa encruzilhada do pensamento de freudiano do que o texto publicado em 1920, intitulado *Mais além do princípio do prazer*; esse texto figura até os dias de hoje como um dos trabalhos mais fundamentais da obra freudiana. Foi, portanto, muito a propósito que esse texto de Freud foi escolhido por Walter Benjamin no único comentário direto que Benjamin faz da obra freudiana, e os elementos que Benjamin recolhe em sua leitura asseguram o passo importante dado por Freud ao vetorizar a teoria psicanalítica em direção ao fenômeno catastrófico das guerras.

Portanto, a neurose traumática ingressou no pensamento de Freud pela força e contundência dos efeitos do fenômeno das guerras, o que o obrigou a plantar modificações fundamentais na teoria e na clínica psicanalíticas, evidenciando a Psicanálise como uma teoria potente, única capaz de analisar fenômenos da sociedade e da cultura a partir das dinâmicas inconscientes que os determinam.

Essa decisão provocou uma torção irreversível no pensamento freudiano e legou aos psicanalistas muitos impasses sobre os quais os estudiosos da Psicanálise se debruçam e se debruçarão por um tempo ainda indeterminado.

Foi nesse texto que Freud, sempre hesitante em relação à neurose traumática em tempos de paz, cuja causa era atribuída a desastres de trens, acidentes e efeitos do acaso, é retomada a partir de 1920 com outra tarefa e outra

grandeza. O exemplo mais elucidativo da neurose traumática passa a ser o sofrimento psíquico dos soldados que retornaram da primeira grande guerra. Freud passa então de um terreno incidental, apolítico e endógeno para a aproximação da Psicanálise e da metapsicologia aos fenômenos das guerras, que nada tem de incidental e são política e socialmente engendrados.<sup>3</sup>

O retorno dos discípulos de Freud do front da guerra – especialmente Sandor Ferenczi e Karl Abraham<sup>4</sup> –, convocados então como médicos de guerra, revelou para Freud a importância de considerar os efeitos psiquicamente devastadores no psiquismo dos soldados numa guerra, no seio de um fenômeno constituído politicamente e cujos efeitos psíquicos não podiam ser compreendidos apropriadamente como fenômenos exclusivos à clínica. Tornou-se necessário para Freud pensar a guerra como fenômeno psíquico e sócio-político, movendo a Psicanálise, de modo mais ou menos inseguro, a uma seara que ele não intencionava visitar. Freud foi provocado pela guerra, não foi em busca dela. Freud foi atropelado pela maquinaria bélica que avançou sobre toda a Europa cujas consequências alcançaram a ele e a toda sua família.

A convocação de 3 de seus filhos e genro para o front da primeira guerra somados à eleição de Hitler como chanceler alemão em 1933 cujas consequências foram os diversos saques à sua casa pela gestapo desde então, a queima

---

3 Após o fim da primeira guerra e a dissolução do governo austro-húngaro, houve suspeitas de que os soldados que sofriam neuroses de guerra haviam sido brutalmente tratados pelos médicos do exército durante a guerra. Foi criada uma comissão para apuração desses fatos e o parecer de Freud como especialista foi solicitado. Freud escreveu então um *Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra* no qual critica veementemente a prática do eletrochoque como tratamento aos soldados que neurotizavam nos campos de batalha. Esse memorandum foi encaminhado em 1920 ao Ministério de Guerra Austríaco e à comissão de inquérito que apurava os casos. Freud foi posteriormente chamado a fazer a defesa oral do memorandum que só foi publicado em 1955 graças a James Strachey, tradutor da obra de Freud em língua inglesa. Em 1918, no Congresso de Budapeste diversas autoridades da Europa Central participaram como observadores. A intenção era criar centros de atendimento por todo império austro-húngaro aos soldados que retornavam acometidos por neuroses de guerra. O fim da guerra e com ela a derrota do Império Austro-húngaro puseram fim à empreitada. (Freud, 1918; Strachey, 1950)

4 Discípulos importantes de Freud foram convocados como médicos em diversas frentes durante a guerra. Max Eitington, Karl Abraham, Sandor Ferenczi e Otto Rank estavam entre eles.

de seus livros na Alemanha, a prisão de sua filha Ana pela polícia nazista e sua editora fechada revelam que a vida dos Freud foi intensamente golpeada pelas guerras, por seus condicionantes e por seus efeitos. Tais consequências determinaram a vida da família de Freud até o ano da morte de Freud em 1938. Antes disso, após intensa mobilização internacional de psicanalistas e não psicanalistas, Freud e sua família incluindo noras, genros e netos se muda de Viena para Londres a fim de escapar de um destino, certamente trágico, reservado aos judeus residentes na Áustria.

Como respostas diretas à experiência da guerra Freud escreveu conhecidos textos gerados a partir de situações e fatos históricos diferentes entre a primeira e a segunda Guerras Mundiais.<sup>5</sup>

Porém, no subterrâneo das elaborações teóricas que modificaram os destinos da Psicanálise havia a segunda teoria das pulsões (vida e morte), a segunda tópica (id, eu, supereu) e a segunda teoria da angústia, na qual o trauma ocupa lugar central e decisivo. Elaborações e dúvidas de Freud que encontrarão clara expressão e algum desenvolvimento no artigo *Mais além do princípio do prazer*.

Ao eger essa obra de Freud, num texto em que Baudelaire também é retomado no seio das contradições que sua obra suscita e dos ultrapassamentos que provoca, Walter Benjamin teria assinalado a importância do pensamento em tempos de crise, mas também revelado de modo insuspeito, a capacidade de grandes pensadores e criadores em colocarem a prova suas próprias convicções e sua obra. Há, portanto, nesse texto de Benjamin, a proposição de um diálogo, mas também uma provocação necessária à Freud tal como Einstein já o fizera em 1933.

Esse temível embate com o leitor indicado por Baudelaire na apóstrofe de *As flores do mal* e encarecido por Benjamin – “Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão” (1989, p. 104) – revela a um só tempo a distância intransponível entre a compreensão possível da obra, por aqueles aos quais ela se dirige, e a

5 Entre os textos importantes de Freud estão *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), *Introdução ao Simpósio sobre as Neuroses de Guerra* (1919), *Memorandum sobre o tratamento elétrico aos neuróticos de guerra* (1920) e as correspondências trocadas entre Freud e Einstein no entre guerras, e publicadas com o título *O porque da guerra* (1933).

impossibilidade em ultrapassar os preconceitos e os vícios que obstruem essa mesma compreensão. Aí também a notação de uma semelhança entre Baudelaire e Freud. Na condição de estrangeiro (judeu sem judaísmo, médico avesso à medicina, fundador de uma ciência nova e incompreendida), Freud, mais de uma vez, se queixara da oposição que sofrera diante dos que se opunham à Psicanálise sem compreendê-la.<sup>6</sup>

Como Baudelaire, Freud dedicou-se a uma espécie de afirmação contumaz da importância do que se negava (o não consciente, a sexualidade), mas o fez refundando a experiência do psíquico em outras bases; segundo os princípios que regem o involuntário, o irracional e o inconsciente. A experiência psicanalítica não é outra coisa senão a experiência do inconsciente revelado nas costas da atenção consciente e vigil.

Uma memória inconsciente se põe em curso na experiência psicanalítica, lá onde a experiência constitui sua própria temporalidade e duração e onde “[...] a presentificação da *durée* (duração) é que libera a alma humana da obsessão do tempo” (Benjamin, 1989, p. 131). A atenção flutuante do analista e a associação livre do analisando se abrem como o pano de fundo no qual a experiência analítica se estende. Nesse exercício imprevisível emerge o que a *memoire involontaire* deixa entrever, instalada no seio da duração (*durée*) que não pode lhe coagir, nem lhe acometer, mas deve lhe sustentar, como sustentaria o tédio e o sonho perturbáveis por ‘qualquer sussuro’.

Nesse sentido é que ao estabelecer a diferença e oposição entre experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*), Walter Benjamin oferece um elemento chave para compreensão daquilo contra o que a experiência e o pensamento de Freud também se insurgem, e revela que o dever de lembrar (*memoire volontaire*) dissuade e desloca constantemente o homem na multidão para o universo

6 Escreve Freud em 1914: “Para descobrir a situação da Psicanálise na Alemanha bastará fazer constar que ocupa o ponto central da discussão científica e desperta, tanto entre os médicos como entre os leigos vivas manifestações contrárias que não se tem acalmado até agora, repetindo-se sempre de novo com intensidades periódicas” (p. 1911/t2). E 10 anos depois em sua autobiografia de 1925, referindo-se às suas pesquisas iniciais junto à sociedade médica de Viena: “A impressão de que as grandes autoridades médicas haviam rechaçado minhas inovações, obteve a vitória, e me vi relegado à oposição com minhas opiniões sobre a histeria masculina e a produção de paralisia histerica por meio de sugestão” (p. 2766).

informacional no qual ele não cessa de colidir com corpos, fatos e informações que não pode discriminar e nem se apropriar, e tudo aquilo do que ele se lembra, voluntária e conscientemente, ofusca uma verdadeira experiência da memória impondo, sorratamente, o apagamento dos rastros.<sup>7</sup>

Um exemplo catastrófico, porém não surpreendente e até mesmo previsível – “não havia nada de anormal nisso” (Benjamin, 1985d, p. 198), dirá Benjamin – é a imagem do choque exterminador entre “Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado por cavalos” e “se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano” (1985d, p. 198).

Essa mesma geração que vivera a experiência da primeira grande guerra e, logo viveria a experiência da segunda, foi a mesma que se encontrava aturdida pela invasão das máquinas e sua presença irreversível no cotidiano das multidões, de tal maneira que seriam as próprias máquinas os instrumentos de mudança radical e consentida, e cujo efeito são os fenômenos de massificação, homogeneização, reproduzibilidade e anomia exibidos exemplarmente nas situações de guerra. Nelas trata-se da coação à homogeneidade e a uniformização diante da qual a narração e a singularização que lhe é coeva, figuram como patéticas e inúteis expressões num sistema no qual a eficácia das máquinas e de seus operadores define a vitória ou a derrota.

A narração, o narrador, assim como o artesão, são a evidência de coisa também frágil, minúscula e inútil diante das máquinas e que, como o corpo humano, não têm outra função senão a de se colocar a serviço dos motores e dos grandes discursos universalizantes, auxiliando-os a exibir seus dotes espetaculares embebidos na massificação que o fascismo captura e instrumenta. A máquina empresta ao homem que a opera, por instantes, seu poder extraordinário:

---

7 Uma contribuição excepcional a esse diálogo Freud/Benjamin e os conceitos de choque, trauma e memória são as observações de Derrida sob a pulsão de morte, precisamente em seu caráter anarquívico, de destruição do arquivo, da elisão da memória, “com vistas a apagar seus ‘próprios’ traços-que já não podem desde então serem chamados de ‘próprios’” (Derrida, p. 21, 2001). Ver também Gagnebin, J. M. Memória e Esquecimento: linguagens e narrativas. In: *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, p. 85-94, 2001.



*No piloto de um único avião carregado com bombas de gás concentram-se todos os poderes-o de privar o cidadão da luz, do ar, da vida-que na paz estão divididos entre milhares de chefes de escritório (Benjamin, 1985a, p. 72).*

Será na experiência cotidiana que se revelarão os efeitos da profunda implicação do homem com as máquinas, ao ponto da identificação competitiva que subjetivamente o faz desejar assemelhar-se aos robôs, ter como efeito e resultado apenas a constatação de seu fracasso e de sua fragilidade. O homem como coisa piorada diante da máquina. Ao mesmo tempo, os efeitos da disciplina imposta pelas máquinas se revelam e se instalam no ataque às experiências do sonho e do tédio, impossíveis para o homem-máquina, o autômato.

Essa experiência imporá o fim da narração e uma mudança radical nas experiências comunais e alteritárias, hoje destituídas de sentido e valor, e reveladas para o homem urbano como experiência raquítica e ocasional, nos intervalos concedidos em seu ritmo alucinante e sua rotina atarefada em cidades que nunca dormem. O sono, o sonho e o tédio se apresentam como excrescências da vida atenta e vigil e perduram como expressões individuais que se esgotam em si mesmas.

Cito Walter Benjamin:

*Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro do sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos-as atividades associadas ao tédio-já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes (1985d, p. 204-205).*

Naquilo que constitui o cotidiano das pessoas vemos se instalar, com regularidade e persistência irremovível, um compasso novo, binário, incapaz de preservar os ritmos do sonho e do tédio tidos como experiências tolas,

lentas e débeis a serem descartadas a partir da fascinação gerada pelos processos repetíveis, substituíveis e excessivos.

*L'automobile c'est La guerre* (Benjamin, 1985a, p. 61). Surpreende-nos Walter Benjamin ao analisar o exibicionismo volátil de uma feira de automóveis e as consequências devastadoras da ideologia fascista e de suas convicções apoiadas sobre a eficiência sem qualquer moral.

O narrador de Benjamin (1985d) e o herói épico de Freud, apresentado como ponto de fuga dos fenômenos de massa (Freud, 1981) encontram-se então em impressionante sintonia e tensão. Voltaremos a isso mais adiante.

\*\*\*

Walter Benjamin recorre a Freud a fim de melhor definir a experiência do poético em Baudelaire, e esse recurso se abre e se fecha como num movimento espiralado continuamente retomado ao longo do artigo *Sobre alguns temas em Baudelaire*. O que chamou a atenção de Benjamin, a princípio, fora o caráter mutuamente excludente entre consciência e memória na experiência psíquica, descrita e revelada por Freud. Essa formulação está presente desde os primeiros escritos pré-psicanalíticos de Freud, de uma maneira até mesmo mais radical, embora conceitualmente menos madura.<sup>8</sup>

8 Esse texto escrito por Freud ainda no período pré-psicanalítico (1895) foi entregue ao seu amigo Wilhelm Fliess e não foi publicado durante a vida de Freud. A disposição de Freud após duvidar das hipóteses nele contidas, era mesmo a de destruir o texto. Graças à intervenção de Marie Bonaparte, princesa da Grécia e da Dinamarca e discípula de Freud, o texto foi recuperado por ela após décadas. O texto foi publicado pela primeira vez em 1950, doze anos após a morte de Freud. A forte presença de uma terminologia neurológica e fiscalista presente no artigo foi sendo abandonada por Freud ao longo da de sua obra, porém algumas teses fundamentais desse texto persistiram a ponto de retornarem em diversos textos freudianos; Mais além do princípio do prazer é, certamente, um deles. Uma das aproximações importantes entre o texto de 1895 e o de 1920 e que nos cabe ressaltar é a suposição de Freud, em 1895, de que o psiquismo seria organizado em sistemas neuronais com funções distintas, donde que os neurônios  $\phi$ ,  $\Psi$  e  $\omega$  teriam ações e correlações específicas e diferenciadas e as ações psíquicas se organizariam em torno de prioridades dadas, ora a percepção-consciência, ora a memória na recepção tanto dos estímulos internos quanto externos, definidos por Freud como quantidades (Q). Resultando, de maneira simplificada, que há sistemas neuronais (psíquicos), os neurônios  $\phi$  e  $\omega$ , diferentemente dos neurônios  $\Psi$ , que não constituem memória. Portanto uma relação de excludência entre percepção e consciência de um lado e a memória de outro. Essa atenção vigilante exigida em alguns processos psíquicos simplesmente impossibilita e exclui a memória no instante em que ele opera psiquicamente num dos

A retomada dessa discussão por Freud em 1920 se apresenta, como já dissemos, sobre outras bases e inclui, fundamentalmente, algumas elaborações sobre o trauma e a guerra. Embora a crítica já feita a Benjamin, sobre uma certa imprecisão conceitual no que se refere à sua compreensão do traumático nesse texto não seja irrelevante e nem imprecisa (Rouanet, 2008, p. 73-80), não serão encontradas aí, em minha opinião, as pistas das discussões mais importantes e reveladoras que o artigo introduz, mas numa outra senda que se abre como pergunta – ora latente, ora manifesta – em boa parte da obra de Freud. Essa pergunta permitirá condensar a crítica à modernidade, às guerras, a constituição do sujeito psíquico num cenário traumatogênico e está presente de modo explícito na obra de Freud desde 1908, ano da publicação do texto *A moral sexual 'cultural' e a nervosidade moderna*, como também atravessa insistentemente o texto benjaminiano sobre Baudelaire (1939) que consiste no avanço da compreensão sobre o caráter traumático das massas e das multidões.

De todo modo Rouanet indica que tem clareza dos eventuais danos provocados por uma apreciação “literal” da obra de Benjamin, e dos riscos de pautar a leitura dos diálogos entre Freud e Benjamin pela exigência de uma correspondência ponto a ponto na definição de conceitos, que ele próprio assinala inicialmente do texto benjaminiano. Cito Rouanet:

*Mas devemos guardar-nos do pedantismo de uma interpretação literal da tese de Benjamin, que nos levaria a fechar os olhos ao que ela tem de inovador (Rouanet, p. 75).*

O próprio Benjamin está ciente do grau de indeterminação presente na aproximação entre campos relativamente autônomos e distintos. Tal como observará no início das reflexões da parte 3 do artigo:

---

sistemas e, ao mesmo tempo, obriga todos os sistemas a operarem de forma interdependente e integrada. Tanto a apresentação do aparelho psíquico e de memória apresentadas no capítulo VII do texto *A Interpretação dos Sonhos*, quanto a discussão sobre a memória e o trauma retomada em *Mais além do princípio do prazer* são herdeiras dessas primeiras elaborações freudianas. Ver Freud, S. (1900) *A Interpretação dos sonhos*. In: *Obras Completas*, T. I, Madrid: Biblioteca Nueva, p. 656-720, 1981.

*Esta correlação tem a forma de uma hipótese. As seguintes considerações, nela baseadas, não têm a pretensão de demonstrá-la. Terão que se restringir à comprovação de sua fecundidade para fatos distantes daqueles que Freud tinha em mente ao formulá-la (1989, p. 108).*

Como também Rouanet (2008, p. 80-84) reconhece a aproximação fértil entre as reflexões de Walter Benjamin em *Sobre alguns temas em Baudelaire* e Sigmund Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. De certo modo esse é um dos pontos mais férteis que o texto de Benjamin possibilita explorar apontando caminhos e deixando pegadas (rastros) para uma investigação que se tornará frequente e fundamental para Freud e para a Psicanálise, notadamente a partir de 1920.

\*\*\*

O choque entre dois corpos premidos na multidão é a expressão da indiferença constitutiva das massas. Sujeitos se aglomeram, se amontoam, coagidos em sua própria alienação e estranhos entre si; atores e vítimas de um estranhamento constrangedor que os comprime. Mas estão todos atentos, concentrados em sua atarefada rotina, nos compromissos a serem concluídos e executados. Eles não sabem por onde estão passando, mas sabem para onde estão indo e onde querem chegar.

Tal como Benjamin observa, em referência à Marx: “A vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão corresponde a vivência do operário com a máquina.” (1989, p. 126). Ambos expectantes pelo fim da jornada, ambos indiferentes ao trajeto, ao caminho e ao durante convertidos em experiências desagradáveis.

A vivência que permite desconhecer o outro em meio a tantos revela uma resignação que só tem par no trato do operário com a máquina que, imperativa, deflagra e interrompe o corpo e psiquismo do operário. A partir de então a violência não será vivida enquanto distorção, erro e perplexidade, mas como coisa banal, corriqueira impondo o seu ritmo e reproduzindo pedagogicamente a indiferença.

A submissão às máquinas e o fascínio por elas aterrorizam porque sobre essa prontidão se superpõe a notável eficiência propalada pelas práticas e discursos fascistas. A limpeza, a eficiência, a pureza e seus corolários: a limpeza étnica, a marginalização dos não especializados e os genocídios em massa só serão atingidos, comandados e instruídos pelo furor maquinal que não deixará atrás de si rastro de passagem.

O desaparecimento do narrador e a obturação da experiência repousam sobre a exigência de um ritmo muito específico, próprio às vivências ligeiras onde a memória não se refaz, mas é insistentemente banida, precisamente porque não há mais tempo para ela. A memória é atacada como volta ao passado e obstáculo à mudança e ao progresso desenvolvimentista das tecnologias, que avançam com seu projeto de ocupação de mais espaço<sup>9</sup>, mais tempo e mais corpos objetificáveis.

Na descrição da formação das massas, Freud insiste nos efeitos de uniformização do discurso e das ações dos sujeitos revelados como amantes de sua própria servidão e adoradores de um novo Totem. O pai tirânico da horda primeva<sup>10</sup> é restaurado nos fenômenos de massa das sociedades modernas como objeto adorado, sobretudo porque promete absolver os sujeitos da intrincada e complexa experiência com as diferenças e com o diferente. O convívio alteritário é difícil, lento e ineficaz. A alienação aposta na homogeneidade, tornando-a subjetivamente desejável como restauração da massa que compele à uniformização e ao comando de um líder, do mesmo modo, obcecado com os movimentos uniformes que sobrevêm ao aceno de sua batuta. Essa dinâmica produz e reproduz uma estética própria, revelada como estetização da política, suportada pela espetacular obediência uniforme da massa condicionada pela alienação do sujeito nela (Benjamin, 1985c) e jamais exibidos com tanta clareza como nas guerras.

9 Ver Benjamin, W. O caráter destrutivo. In: Benjamin, W. *Rua de mão única*. Obras Escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 235-236.

10 A hipótese freudiana sobre o primeiro grupamento humano-a horda primeva- comandada por um pai animalizado e tirânico que precede as organizações humanas complexas será plenamente desenvolvida em Freud, S. (1913) *Totem y Tabu*: algunos aspectos comunes entre la vida mental del hombre primitivo y los neuróticos. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

O comando magnânimo que coloca os motores em movimento ao apertar de um botão e com esse único – e belo – gesto implode histórias, cidades e pessoas exhibe essa estética atroz e sensacional e a retroalimenta. Os processos de identificação em curso aceitam que, sob as máquinas e diante delas, o sujeito não seja mais do que mácula, mancha populosa que não pode mais conviver com as exigências urgentes de uniformização dos processos industriais e informacionais, regidos e operados pelos autômatos. As máquinas são a resolução perfeita para a imperfeição do homem que deseja ser massa. E são elas que hoje assumem a posição de líderes pelo simples fato de que se tornou impossível viver sem elas.

O esvaziamento produzido por essa lenta transformação degrada os processos de memória, na medida que o saneamento do sujeito singular implica na tramitação da experiência memorial para um apanhado de lembranças comuns e uniformes, sem qualquer interesse para a comunidade a qual se dirige e sem a competência para manter viva a tradição que a engendrou. Souvenires dispostos em postos de venda oferecem vivências (Erlebnis) em grande quantidade. Tantas quantas forem necessárias para que cada indivíduo da multidão tenha seu pequeno Mickey Mouse, reflexo da produção massiva de objetos repetitivos, entediantes e sem aura.

Será então a multidão o próprio lócus mais apropriado desde onde advirá o trauma, e ali ele é engendrado como potência e possibilidade iminente. E é ali que o sujeito aprende a se resignar ao ritmo imposto pelas máquinas e, ao fazê-lo, expõe-se ao traumático que ele percebe apenas como excitante, veloz e eficaz. Aliado da experiência da memória, o homem comum será o amante das experiências de vida e morte, que só as máquinas podem prover, real ou virtualmente. Nas cabines dos brinquedos dos parques de diversão ou dos jogos virtuais se vive ou se morre um milhão de vezes.

A experiência do excesso que obriga o Eu ao trabalho constante da vigilância contra o choque é a mesma que se apresenta sob o signo impróprio da excitação e do gozo, impossíveis na duração ‘lenta’, única capaz de suportar a memória como experiência.

A morte da experiência revelaria então que determinadas funções do Eu se tornaram prescindíveis, e quase desnecessárias, em função da

hipervigilância necessária ao psiquismo para se salvaguardar da hiperexcitação que ele mesmo busca e a qual ele mesmo se expõe.

A experiência e as impressões do choque, que para Benjamin seriam as condições da experiência poética, não encontram correspondência direta em Freud. Ao menos naquilo que Freud elaborou como o choque traumático. Em Freud o corolário não é a criação, muito menos a criação poética, mas a repetição do traumático e a imobilização do psiquismo no eterno retorno ao trauma, em busca da reinstauração de um estado, prévio ao instante do acontecimento traumático, quando o Eu teria algo a fazer na proteção ao psiquismo contra o choque que o feriu com força e gravidade.

De algum modo Benjamin está indicando outro fenômeno que lesa a memória enquanto tal e, por conseguinte, a própria experiência poética: trata-se de um excesso de vigilância consciente, a tal ponto, que o inconsciente perderia sua influência na vida psíquica, ou ao menos a teria muito diminuída, coagida de maneira persistente a responder às ameaças de sucessivos choques possíveis e iminentes imposto pelo regime da eficiência e do excesso de tecnologia à disposição do homem moderno.

É da vida do autômato que Benjamin está falando. Da progressão com que o desejo – como experiência – é arrastado para a vivência instantânea da excitação. O paroxismo da atenção consciente e a preocupação de Benjamin do predomínio dessa conscientização atenta, vigil e desperta estão claras na seguinte observação:

*Afinal, talvez seja possível ver o desempenho característico da resistência ao choque na sua função de indicar ao acontecimento, às custas da integridade de seu conteúdo, uma posição cronológica exata na consciência. Este seria o desempenho máximo da reflexão, que faria do incidente uma vivência (1989, p. 111).*

O empobrecimento do incidente residiria na possibilidade de uma ação psíquica que se salvaguardaria de tal modo, e com tal exagero, que empobreceria a própria capacidade de criação psíquica: a criação poética.

O choque ao qual Benjamin se refere é um choque insidioso trazido pela coação das multidões. É a massa amorfa que se apresenta como volume e ‘massa colossal’ (1989, p. 112) em rota de colisão física com a possibilidade da constituição da experiência. A nosso ver, é isso que constitui o traumatogênico na obra de Benjamin; à experiência do choque ele teria consagrado esses elementos que escorrem da consciência para perdurarem como memória. Memória enquanto potência enunciadora da criação e da singularização do sujeito emancipado da massa e da multidão.

Nesse sentido, a experiência poética possibilitada pelo choque é o oposto da nulidade ou da impossibilidade da constituição da memória e da experiência como efeito do choque traumático pensado por Freud no texto de 1920.

É o que revela a imagem do esgrimista cujos “golpes que desferem destinam-se a abrir-lhe caminho através da multidão” (1989, p. 113). Nela, o embate físico prestes a esmagar só pode ser combatido com uma resposta que revele a um só tempo ação e estilo. Novamente, é na dinâmica própria à constituição das massas que as reflexões de Freud e Benjamin voltam a se reencontrar no texto *Psicologia das Massas e análise do Eu* de 1921. Para Freud, o sujeito que se emancipa da massa é uma espécie de poeta épico que assume as próprias palavras, mata o tirano e enuncia seu próprio destino.<sup>11</sup>

Sendo assim, o choque em Benjamin não é o que impõe o trauma, como em Freud, mas uma intensidade que não foi capturada pela consciência e, inconscientemente, continua a produzir efeitos e induzir processos de criação nos quais o sujeito moderno ainda se reconhece como autor e artífice.

Por outro lado, a hipervigilância e hiperconscientização que resultam da impossibilidade da experiência do choque Benjaminiano, têm como

---

11 Destaco o seguinte trecho em Freud: “Foi então que talvez algum indivíduo, na urgência de seu anseio, tenha sido levado a libertar-se do grupo e a assumir o papel do pai. Quem conseguiu isso foi o primeiro poeta épico e o progresso foi obtido em sua imaginação. Esse poeta disfarçou a verdade com mentiras consoantes com seu anseio: inventou o mito heróico. O herói era um homem que, sozinho, havia matado o pai – o pai que ainda aparecia no mito como um monstro totêmico. Como o pai fora o primeiro ideal do menino, também no herói que aspira ao lugar do pai o poeta criava agora o primeiro ideal do ego” (1921, p. 2604) e remeto o leitor para Freud, S. *Psicologia de las masas y analisis del yo*. In: Freud, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2565-2610, 1981.



consequência uma aposta absoluta no presente e nas vivências que nele podem se esgotar, sem tradição e sem continuidade. A supremacia do presente, do agora, é o que constitui o traumático como experiência impossível ao psiquismo, como pensaram Benjamin e Freud. É nesse contexto, no qual a automação elide a narração, é que o traumático como experiência devastadora se torna comum, possível e imprevisível.

Benjamin contextualiza histórica e politicamente o que Freud descreve psiquicamente imprimindo a essa reflexão freudiana um caráter de continuidade e de aprofundamento sócio-histórico. A multidão benjaminiana é imune aos choques que restituem as bases da criação poética, bem como refaz permanentemente as condições do trauma freudiano. Poderíamos sugerir então como efeito dessa aproximação e diálogo que lá onde o trauma espreita, as condições para a criação poética inexistem.

A não coincidência literal entre o sentido e os conceitos de choque e trauma em Freud e Benjamin tornam-se, na verdade, frutíferos quando analisados em campos fronteiriços cujo ponto de articulação é o surgimento de experiências subjetivas irrefutáveis, advindas de grandes planos de agenciamento ditados pelos processos de dominação e captura em curso no final do século XIX e início do XX e seus corolários: as duas Grandes Guerras. Essa diferença permite matizar dois fenômenos de ordem diferente (o choque e o trauma) invisíveis quando analisamos as duas obras em separado.

Na sombra de um mundo previamente ordenado, o homem nas massas ao mesmo tempo se acomoda e odeia tudo o que desfaz essa ordem da qual ele não é mais do que um emissário servil, incapaz de memória. Ele aderiu à velocidade excitante que lhe mantém atado ao presente, aprisionado por ele, mas de algum modo se reconhece como o homem do futuro, moderno e imune às preocupações sobre seu próprio destino. A hipervigilância e a hiperconsciência o protegem.

Partindo de uma crítica a uma tradição de pensamento que vocifera contra as massas, – na verdade contra os movimentos sociais e revolucionários desde a Revolução Francesa –, Freud dialoga criticamente com os autores herdeiros

dessa tradição para, logo em seguida, se afastar deles completamente.<sup>12</sup> Vemos isso logo na primeira observação que distancia Freud de Le Bon e os autores dessa tradição:

*Mas agora temos de acrescentar que na verdade nenhuma das afirmações desse autor traz algo de novo. Tudo o que ele diz de desfavorável e depreciativo sobre as manifestações da alma coletiva já foi dito antes com a mesma nitidez e hostilidade, é repetido em termos semelhantes por pensadores, estadistas e poetas, desde que existe literatura (Freud, 1921, p. 32).*

Mas essas diferenças se agravarão no momento em que Freud analisa os primeiros exemplos de massas altamente organizadas: a igreja e o exército. E justifica movendo sua reflexão para um aspecto particular na formação das massas que é a adesão incondicional à figura do líder. Não poderemos examinar aqui as diversas implicações da argumentação freudiana diante dos debates que estavam em curso à época de Freud. Mas pretendemos deixar assinalado, como já observou Ernesto Laclau (2006, p. 60), que uma das consequências importantes da reflexão freudiana em *Psicologia das massas e análise do eu*, foi o ultrapassamento da interpretação corrente postulada pela psicologia social do início do século XX, que atribuía aos fenômenos sociais de massa o caráter de ‘aberrações sociais’, opondo-os de modo flagrantemente tendencioso à normalidade, racionalidade, organização e civilidade; características guardadas aos indivíduos quando fora e longe das massas.

Freud identificará na formação das massas fenômenos muito semelhantes aos encontrados na formação neurótica dos indivíduos, com efeitos, no entanto, completamente diferentes.

---

12 Remeto o leitor à dissertação de Bruno Shimizu intitulada *Solidariedade e Gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia de massas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito Penal), Universidade de São Paulo. Trabalho agraciado com prêmio de melhor dissertação do ano pelo IBCRIM, as influências e divergências de Freud com alguns pensadores de sua época são examinados com competência e em detalhe nessa pesquisa.

O que se apresenta na experiência psíquica como desejo de totalidade, completude e restauração da ordem – e que Freud sintetizou como o caráter conservador da pulsão<sup>13</sup> (Freud, 1920, p. 160-163) – cobra o preço da adesão incondicional resultante da indiscriminação regressiva, na qual o sujeito do inconsciente é aprisionado como objeto de gozo por uma autoridade, supondo seu próprio gozo como autorizado e a reboque do desejo do tirano.

Poucas afirmações peremptórias presentes na frase ‘estávamos apenas cumprindo ordens’ revelam de modo tão contundente e simultâneo a adesão incondicional a um totem (líder tirano), a radicalidade do desaparecimento do sujeito no seio da multidão indiferente, o apagamento e a impossibilidade da memória, e a conformação da massa como agente traumático por excelência. Frase em geral enunciada em situações nas quais se cobra o respeito à história, à tradição, aos acordos e pactos firmados e reconhecidos em outro tempo e lugar.

‘Estávamos apenas cumprindo ordens’ revela, de modo inequívoco, um discurso que pretende abolir todos os acordos prévios a ele e à confissão da renúncia da autoria e do próprio desejo remetido a um fantasma que, no momento da responsabilização, está ausente. Eles estão afirmando: ‘somos apenas máquinas operadas por um desejo alheio’. Neles a identificação com as máquinas encontra seu ápice e como seus operadores sua eficiência é incontestável, precisamente porque não querem e não podem rememorar nada e nem reconhecer os efeitos de sua ação. O vórtice que ela alimenta quer arrastar o mundo para um perpétuo reinício e um perpétuo fim.

O desejo impróprio produz sintoma, repetição e obturação temporal e, paradoxalmente, e em nome dele se corroem as condições que deflagram os processos contínuos de produção da memória. No seio dessa maquinaria que reproduz tal impropriedade afirma-se o desejo secreto de não mais desejar e, antes e depois da realização de tal desejo, o presente sempiterno e sem traços.

---

13 Ver na tradução de Luiz Alberto Hanns, Freud, S. (1920) Mais além do princípio do prazer. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, Rio de Janeiro: Imago, vol.II, 1915-1920, p. 160-163.

## Referências

- Benjamin, W. Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea Guerra e Guerreiros, editada por Ernst Junger. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985a. p. 61-72.
- Benjamin, W. Experiência e pobreza. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985b. p. 114-119.
- Benjamin, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985c. p.163-196.
- Benjamin, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985d. p. 197-221.
- Benjamin, W. O caráter destrutivo. In: Benjamin, W. *Rua de mão única*. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 61-72.
- Benjamin, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Benjamin, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103-149.
- Derrida, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- Endo, P. C. *A Violência no Coração da Cidade: Um estudo psicanalítico*. São Paulo: FAPESP/ESCUA, 2005.
- Freud, S. ([1895]1955) Proyecto de una psicología para neurólogos. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*, T. I. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 208-276.
- Freud, S. (1900) La Interpretación de los sueños. In: Freud, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*, T. I. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 349-720.
- Freud, S. (1913) Totem y Tabu: Algunos aspectos comunes entre la vida mental del hombre primitivo y los neuroticos. In: Freud, S. *Obras*

- Completas de Sigmund Freud*, T. II. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p. 1745-1850.
- Freud, S. (1915) O Inconsciente. In: Freud, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 19-51.
- Freud, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 135-182.
- Freud, S. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: Freud, S. *Obras completas*, v. 15, São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.13-113.
- Gagnebin, J. M. Memória, história, testemunho. In: Bresciane, S. & Naxara, M. (org.) *Memória e (res)sentimento*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 85-94, 2001.
- Laclau, E. *La razón populista*. México: FCE, 2006.
- Rouanet, S. P. *Édipo e o anjo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.
- Shimizu, B. *Solidariedade e Gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia de massas*. Dissertação (Mestrado em Direito Penal), Universidade de São Paulo. 2011.

